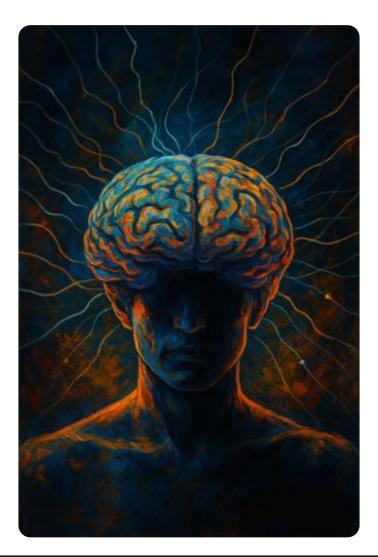


Publicado em 2025-08-19 13:16:04



E a Consciência, o Eco Vivo de um Corpo que Sente

Durante séculos acreditámos que a mente era algo separado — uma alma etérea, uma essência flutuante que habitava o corpo como um inquilino divino. Mas a ciência moderna, com bisturis de luz e imagens de ressonância magnética, veio revelar outra verdade: a mente é uma construção do cérebro — e só do cérebro.

Não há pensamento sem neurónios. Não há amor sem química. Não há memória sem circuitos moldados pelo tempo, pela experiência, pela dor e pela esperança.

O cérebro humano é um órgão de carne e eletricidade, forjado ao longo de milhões de anos de evolução. Com cerca de 86 mil milhões de neurónios interligados em redes dinâmicas, este órgão não só regula o batimento cardíaco e o equilíbrio, como também cria ideias, emoções, fantasias e medos.

Somos seres neurobiológicos: o que chamamos de "eu" é, na verdade, um estado emergente da atividade cerebral. Cada emoção é um padrão sináptico. Cada memória, um circuito reforçado por experiências anteriores. E cada pensamento é como uma dança efémera de impulsos eléctricos sobre trilhos moleculares em mutação constante.

A mente não é uma entidade. É uma função, um processo contínuo que surge da interação entre o corpo que sente (visceral, hormonal, sensorial), o ambiente que estimula (social, físico, cultural) e o cérebro que integra e responde.

Pensamos com o corpo. As vísceras — intestino, coração, fígado — comunicam constantemente com o cérebro. O chamado "segundo cérebro", o sistema nervoso entérico, influencia o humor, a ansiedade, a tomada de decisões. As emoções são tão intestinais quanto cerebrais. A mente, nesse sentido, é o reflexo interno do mundo externo, mediado por um organismo que respira, digere, sofre e deseja.

E a consciência? Essa experiência misteriosa de estarmos "presentes" não é uma entidade mística, mas o resultado da capacidade do cérebro de mapear o corpo, os sentimentos e o ambiente num fluxo contínuo e integrado. Segundo António

Damasio, ela emerge da ligação entre o estado do corpo e a atividade cerebral. É o cérebro a dar-se conta de que existe, através da leitura das emoções que surgem das entranhas. Somos conscientes porque sentimos o que acontece dentro de nós — e construímos uma narrativa contínua a partir disso.

O "eu" não é uma entidade imutável. É uma construção momentânea, uma ficção útil que o cérebro organiza para manter a coerência das experiências. Esse eu muda com o tempo, com a idade, com o sono, com o trauma. É uma voz narrativa que se adapta e se reescreve para garantir continuidade num mar de mudança. Não há alma imortal. Há um fluxo neural coerente, altamente sensível ao corpo, ao ambiente e à memória biográfica.

Mas então, somos só biologia? Não. Somos muito mais — mas tudo dentro da biologia. A arte, a poesia, o amor, a compaixão — tudo isso é possível porque temos um cérebro e um corpo capazes de gerar significado a partir do mundo. A consciência é a jóia da coroa da biologia: não precisa de ser mística para ser maravilhosa.

A beleza não está no além, mas no agora que sentimos profundamente porque temos vísceras, coração e sinapses em constante diálogo silencioso.

Epílogo: O milagre está cá dentro

Não é preciso alma para termos dignidade. Não é preciso espírito para vivermos com profundidade. Basta o cérebro — esse templo biológico da consciência — e o corpo que lhe dá sentido através da dor, do prazer, da fome e do amor.

O milagre é este: um conjunto de células, tecidos e impulsos elétricos que, sem guião divino, cria pensamentos sobre si próprio.

E sente — com vísceras e visão — que está vivo.

 ← Artigo de Francisco Gonçalves e co-autoria de Augustus

Veritas Lumen in Fragmentos de Caos.



A sua avaliação deste artigo é importante para nós. Obrigado.

[avaliacao_5estrelas]

